



Solano López Napoleão ou Átila do Prata?

*Aureliano Pinto de Moura **

Resumo: Texto da palestra proferida no auditório do IGHMB, em 25 de novembro de 2003, em que o autor aprecia a personalidade e as ações de Solano López como cidadão, presidente e militar paraguaio, conduzindo o leitor, em função disso, a responder à pergunta do título.

Palavras-chave: Francisco Solano López.

Ao se tratar sobre a Guerra da Tríplice Aliança, destaca-se a figura do Marechal Francisco Solano López, presidente da República do Paraguai e comandante-em-chefe de suas Forças Armadas. Personalidade imponente, um cavaleiro no trato social, porém um homem temperamental, violento e muitas vezes vingativo. Herói nacional, para o povo paraguaio. Admirado por uns, odiado por outros. Personagem polêmico.

As opiniões dos vários biógrafos e historiadores são contraditórias. Pelo que se pode deduzir, há que se repensar quando se tratar dessa personalidade destacada na vida política e militar da Bacia do Prata no século XIX – uma personalidade marcante da história sul-americana.

O HOMEM

Francisco Solano López nasceu em Assunção, no dia 24 de julho de 1826, sendo filho de Carlos Antônio López e de D. Juana Pabla Carrillo.

Carlos Antônio López foi aluno dos frades franciscanos no Colégio Seminário de San Carlos, aonde posteriormente veio a ser professor. Era licenciado em leis mas, durante o governo de José Gaspar Rodrigues de Francia, procurou manter-se afastado das lides políticas assuncenhas.

D. Juana Pabla Carrillo era enteada de um rico fazendeiro paraguaio, D. Lázaro Rojas. O dote recebido por Antônio Carlos López em seu casamento com D. Juana Pabla Carrillo permitiu-lhe uma vida tranqüila. Pôde dedicar-se aos estudos, o que lhe proporcionou destacar-se culturalmente entre seus concidadãos.

* General-de-Divisão Médico. Sócio titular do IGHMB.

Solano López era o mais velho dos cinco filhos de Carlos Antônio López. Eram seus irmãos: Inocência, Venâncio, Rafaela e Benigno.

O jovem Solano López aprendeu as primeiras letras com seu pai, cumprindo rigidamente um horário predeterminado e um planejamento estabelecido. Desde pequeno foi independente e rebelde. Mas era dotado, sobretudo, de grande amor próprio e ânsia de aprender.

Na adolescência teve, como preceptor, o argentino Juan Pedro Escalada, que lhe ensinou Geografia, História, Aritmética e Gramática. Iniciou-o ainda na leitura dos clássicos. Com os clérigos, aprendeu Latim, Filosofia, Teologia e Francês. Foi, para sua época, um homem de cultura dentre seus pares (Gutierrez Escudero).

Tornou-se um cavalheiro, aficionado por leitura. Procurava trazer livros de Buenos Aires e da Europa. Tinha uma certa predileção pela Geografia e pela História – particularmente pela História Militar e pela figura de Napoleão Bonaparte. Conhecia o francês e o inglês, além de alguma coisa sobre literatura.

Nos esportes, destacava-se em esgrima e equitação. Gostava também de bailar.

Fisicamente, tornou-se um homem de baixa estatura, afetado porém com postura marcial. Tratava a todos com urbanidade, até ser contrariado em sua vontade ou decisão.

“Temperamento forte e grande orgulho pessoal, de vontade indomável e exagerado amor próprio (...) melhor dotado do que seu pai para as tarefas de governo. Prudência e serenidade não lhe faltavam; não era tão impulsivo e alocado em suas

decisões como se tem dado a dizer” (Arturo Bray).

Rendia-se fácil aos afagos, reagindo com furor ao mínimo obstáculo. Só a sua vontade não se dobrava.

Era um homem tido como de mentalidade simples, arrebatado e sensível. Mandava mais o seu coração do que a sua cabeça. O impulso sobrepunha-se à razão.

Era homem de grandes devoções, um patriota a seu modo. Na Europa, foi iniciado na Maçonaria.

Aos 15 anos, enfrentou com serenidade uma séria revelação. Em 20 de setembro de 1840, por ocasião da morte de D. Gaspar de Francia, tomou conhecimento, através de um companheiro de folgedos, de que D. Carlos Antônio López não era seu pai. D. Juana Carrillo casara grávida de seu padrasto, D. Lázaro Rojas, seu verdadeiro pai biológico e seu padrinho de batismo.

Por respeito a D. Carlos Antônio López, seu pai adotivo, e a sua mãe, nada comentou sobre a revelação. Com o decorrer do tempo foi verificando sua semelhança física com seu padrinho, que o fez seu herdeiro (Gutierrez Escudero).

Em 14 de março de 1844, Carlos Antônio López assumiu a presidência da República do Paraguai. Nessa mesma época, Francisco Solano López incorporou-se ao Exército paraguaio, como coronel. Atingiu essa hierarquia sem nunca ter passado pela caserna, freqüentado qualquer curso de formação ou academia militar. Tinha então 18 anos de idade (Arturo Bray).

Em 1845, com apenas 19 anos, seu pai o promoveu a general e o nomeou Chefe do Exército e Ministro da Guerra.

Alguns escritores fazem referência a Solano López como capitão, em data anterior à de 14 de março.

O GENERAL

A vida militar sempre seduziu Solano López. Ao se ver Chefe do Exército, uma de suas primeiras iniciativas foi organizar as forças militares paraguaias, até então insignificantes. Haviam sido colocadas em plano secundário por Gaspar de Francia.

Solano López organizou os quadros, criou unidades, aumentou os efetivos, elaborou regulamentos e ordenanças. Construiu quartéis e alojamentos. Uma nova legislação pertinente foi elaborada para atender ao recrutamento e ao recompletamento.

Concomitantemente, iniciou a compra de material bélico e deu ênfase à instrução de oficiais, assim como ao adestramento da tropa, tudo feito diretamente sob suas ordens e fiscalização. Dedicou-se de corpo e alma à tarefa de reorganizar a sua força militar para alcançar o seu objetivo: dotar o Paraguai de uma força militar que impusesse respeito aos vizinhos. Tudo ia sendo feito sob o olhar pacifista de Carlos Antônio López, homem de diálogo, não inclinado ao emprego de forças militares (Arturo Bray).

A situação política no Rio da Prata levou a que, em 21 de novembro de 1841, Corrientes e o Paraguai assinassem um tratado de aliança, ofensiva e defensiva. O Paraguai assumiu o compromisso de apoiar aquela província com dez mil homens, em caso de necessidade. Corrientes, por sua vez, não trataria mais com nenhum governo da Confederação Argentina sem primeiro

obter a concordância do Paraguai. Ainda cedeu ao Paraguai o território entre Tranquera de Loreto e a fronteira brasileira, na costa do Paraná.

No ano seguinte, em 1846, o relacionamento entre Corrientes e Entre Rios ficou tenso. O General José Maria Paz recebeu, em 13 de janeiro, o título de Diretor da Guerra da Província de Corrientes, provocando descontentamento no governo entrerriano. A situação tornou-se crítica.

Chegara a hora de o Paraguai cumprir o seu compromisso com a província de Corrientes.

Joaquim Madariaga governava Corrientes enquanto o General Justo José Urquiza, de Entre Rios, era um dos sustentáculos do ditador Juan Manoel de Rosas.

A intenção de Joaquim Madariaga não era desmembrar a Confederação. O confronto que se avizinhava era contra Juan Manuel de Rosas, em função do tempo em que ele mantinha o poder. Essa era a posição exigida pelo General José Maria Paz.

A participação paraguaia foi desinteressada. Em realidade, nada tinha a ver em relação ao conflito entre Corrientes e outras províncias argentinas, apesar da posição tomada por Rosas como o maior contestador da soberania paraguaia e da livre navegação no Rio Paraná. A soberania paraguaia não estaria segura enquanto o General Juan Manuel de Rosas tivesse algum poder. Diante da situação e em função do tratado de 1845, Carlos Antônio López decidiu enviar tropa e apoio ao seu aliado Joaquim Madariaga. Não tinha como objetivo a derrubada do ditador Rosas, mas sim uma forma de manter a soberania de seu país.

“Não se trata de uma guerra originada por ódios pessoais, movida por ambições, dirigida a conquistar ou seguida de outro pensamento qualquer reprovado pela Província ou pelos homens; trata-se, sim, da causa mais justa e santa e, pelo mesmo, nada há que ocultar aos olhos do Universo”, afirmou Carlos Antônio López naquela ocasião.

Foi organizada, no Paraguai, uma força militar de 4.500 homens, em Villa Nueva Del Pilar, sob o comando do General Solano López. Nessa oportunidade, foi introduzida na tropa a nova bandeira tricolor, que havia sido criada em 25 de novembro de 1842.

De Villa Nueva Del Pilar, a tropa paraguaia seguiu para Rincón de Soto, ao norte de Goya, onde desembarcou. Passou então a integrar o 2º Corpo de Exército, sob o comando do General José Maria Paz. Essa grande unidade era conhecida como o “exército libertador”.

Iniciadas as hostilidades, a tropa paraguaia transpôs o Rio Santa Lúcia e seguiu em direção a La Huesta. Ali chegou e recebeu ordem para prosseguir até Poso Nuevo, nas margens do Rio Corrientes.

Nesse meio tempo, enquanto Solano López fazia o seu deslocamento, o caudilho López (de Santa Fé) foi fragorosamente derrotado em San Jerônimo, deixando desmoralizadas as tropas sob seu comando. O General Justo José Urquiza aproveitou a situação e atacou a retaguarda do General José Maria Paz, que estava sob o comando do General Juan Madariaga. Em 4 de fevereiro de 1846, invadiu Corrientes e capturou Juan Madariaga, irmão do governador Joaquim Madariaga.

Depois dessa derrota, Corrientes aceitou o “convênio de Alcaraz”, que pôs fim ao conflito. O General Justo José Urquiza retirou-se para o sul, sem aceitar o combate com as tropas do General José Maria Paz (Arturo Bray). Este, por sua vez, ficou ao desamparo. Foi sendo abandonado pouco a pouco, até a dissolução completa da tropa em Villa Nueva Del Pilar.

Durante esses acontecimentos, Solano López foi alvo de todas as honras militares e deferências que lhe eram devidas. Pela sua pouca idade, ficou conhecido como “el generalito”.

Em um determinado momento do episódio, as forças paraguayas viram-se frente a frente com as tropas do General Justo José Urquiza. Inesperadamente, para surpresa de todos, Urquiza, sem procurar combate, retirou-se de sua posição. O que ocorrera, em realidade, é que ele havia recebido ordem para não atacar as tropas de Solano López. A notícia era que os paraguayos tinham a intenção de retornar para o seu território. A atitude tomada pelo General Justo José Urquiza foi interpretada, por Solano López, como “possível medo de Urquiza” para enfrentar os “disciplinados e aguerridos batalhões” paraguayos.

A realidade foi bem outra. Em fevereiro de 1846, parte da força expedicionária paraguaia começou a demonstrar o desejo de retornar para Assunção, onde pretendia reivindicar a convocação de um congresso extraordinário, com o objetivo de realizar algumas reformas políticas no país. Na ocasião, Solano López enfrentou diretamente as lideranças, conseguindo, assim, dominar a situação. Sua atitude firme e arrojada es-

vaziou o movimento. Para evitar futuros problemas, ordenou o fuzilamento dos líderes mais destacados. Essa foi a primeira vez em que demonstrou sua maneira violenta e decisiva diante de uma situação de gravidade.

Com a retirada do General Justo José Urquiza, Solano López determinou o retorno de suas forças expedicionárias, o que foi realizado com toda segurança e disciplina (Gutierrez Escudero). Regressou, entretanto, sem ter conseguido tirar o mínimo proveito ou algum ensinamento relativo à arte da guerra.

A vida militar do General Solano López desabrochou por um insucesso. O retorno foi a sua única opção.

Conforme Arturo Bray, “o Exército paraguaio era mal armado e pior instruído, sem experiência guerreira, a mando de um general bisonho e adolescente”. “Adornaram demais esse jovem com belas qualidades pessoais mas nenhum conhecimento militar, e mais, nenhuma idéia da guerra e o modo de fazê-la”, diria o General José Maria Paz.

A deplorável aventura de 1846 serviu de lição para Carlos Antônio López. Sentiu ele que, sem uma força militar compatível, não tinha a mínima condição de intervir ou se impor aos seus vizinhos platinos.

Em 1849, novamente as forças paraguaias atravessaram o Rio Paraná. Uma divisão invadiu o território correntino e seguiu para as barrancas do Rio Uruguai, procurando chegar à fronteira brasileira. O Paraguai disputava esse território com a província de Corrientes.

Um ataque de surpresa, efetuado pelas tropas correntinas, levou à debandada as forças paraguaias. Foi uma debandada ver-

gonhosa, uma humilhação, segundo Solano López. Furioso com os acontecimentos, Solano López ordenou o fuzilamento de todos os oficiais, como alerta geral.

Pela segunda vez, ele mandara fuzilar os seus oficiais. A partir daí, os militares paraguaios passaram a lutar com mais firmeza e determinação, pois sabiam que seria “morrer ou morrer”. Era a liderança pelo terror.

Em 1851, a situação no Prata estava por demais tensa. Era um barril de pólvora prestes a explodir. Mas, dessa feita, os ventos haviam se tornado favoráveis ao Paraguai.

O General Justo José Urquiza, liderando Entre Rios e Corrientes, resolvera enfrentar o ditador Juan Manuel de Rosas, desta vez com o apoio do Império brasileiro e do Governo uruguaio.

Prontamente Solano López levou as suas tropas para o Passo da Pátria, onde permaneceu, em condições de atuar em território argentino (T. Fragoso).

O assédio ao Paraguai massageou o ego de Solano López, que passou a crer “que nada poderia ser realizado na região platina sem a participação de seu país e, em especial, do exército que ele havia criado” (Arturo Bray). Era muita pretensão de Solano López acreditar que seu exército fosse superior aos demais da região platina. Essa autoconfiança que se foi desenvolvendo em Solano López por certo influenciou o seu modo de pensar e o levou a envolver-se na maior tragédia bélica da América.

Com a derrota de Juan Manuel de Rosas, em 1852, a independência do Paraguai veio a ser reconhecida por vários países europeus, atraindo-os para as relações comerciais.

O DIPLOMATA

Em 12 de junho de 1853, Solano López embarcou no navio *Independência del Paraguai*, com destino à Europa. O objetivo da viagem era ratificar tratados de comércio e amizade com a Grã-Bretanha, França, Espanha, Sardenha e Prússia. A viagem não era muito do gosto de seu pai, Carlos Antônio López, que acabara, porém, curvando-se às ponderações do filho.

Solano López via o futuro do Paraguai fora de suas fronteiras, no relacionamento internacional, no intercâmbio com as nações européias.

Acompanhado de um razoável séquito, López seguiu para o Velho Mundo como ministro especial plenipotenciário. Acompanhavam o jovem ministro, dentre outros, seu irmão Benigno e os capitães Yegros, Brizuela e Aguiar. Em sua bagagem, levava uma boa importância em dinheiro.

Havia outra intenção nessa viagem à Europa. Solano López tinha como objetivo adquirir material bélico para o seu exército e barcos de guerra para a sua armada em formação. Visava a contratar técnicos para a indústria bélica, para a construção de ferrovias e rede telegráfica, assim como assessores militares.

As intenções de Solano López não estavam voltadas somente para a guerra. Pretendia levar para o Paraguai técnicos nas áreas de arquitetura, educação, saúde e imprensa (Arturo Bray).

Durante sua estadia na Espanha, Solano López não foi muito feliz. O país estava enfrentando uma séria crise política, resultan-

te da morte de Fernando VII e da luta pelo trono. Já na França, foi bem ao contrário.

Em Paris, onde permaneceu o maior tempo, foi recebido na Corte de Napoleão III com todas as honras e atenções. Nessa época, Napoleão III tinha grande interesse em manter ligações com a América Latina.

Solano López ficou maravilhado não só com a Corte, mas com a cidade de Paris. A majestade do ambiente deslumbrou-o.

Foi recebido na Tulherias em audiência pública e solene, sentindo-se valorizado e deslumbrado, com a vaidade à flor da pele. Durante sua permanência na capital francesa, freqüentou a Corte com freqüência e desembaraço, e desfrutou de uma vida social e diplomática intensa. Mesmo assim, sobrou-lhe tempo para freqüentar a noite parisiense e as festas cortesãs.

O interesse francês pela América Latina facilitou seu convívio em Paris. Era alvo de convites para os mais variados eventos.

Participando de um desfile militar nos Campos Elíseos, concederam-lhe o comando da solenidade e o convidaram a passar em revista as tropas em forma. Foi uma especial deferência de Napoleão III ao jovem ministro (Arturo Bray).

Ao observar as tropas francesas, não ocultou o orgulho pelos seus soldados, declarando: “Com meus paraguaios tenho o bastante para os brasileiros, argentinos e orientais; e ainda para os boliviano, se se meterem a sonsos.” Essa afirmativa mostra que já sentia em seu íntimo o que, mais cedo ou mais tarde, viria a enfrentar (G. Escudero). Já pensava em um futuro confronto com seus vizinhos.

A convivência de Solano López na Corte francesa deixou-o muito influenciado pela “política de equilíbrio entre as nações” preconizada por Napoleão III. Fez crescer ainda mais sua admiração por Bonaparte, cujo túmulo visitou várias vezes. Lá permanecia em meditação, pensando sabe-se lá o quê.

A maledicência o acusava de ter encomendado vários uniformes semelhantes aos de Napoleão Bonaparte e de ter adquirido uma réplica da coroa do Imperador. Daí, talvez, a razão de ter sido denominado o “Napoleão do Prata” (G. Escudero). Era capaz de despertar admiração e ódio.

Alguns de seus detratores afirmam que o verdadeiro motivo de sua ida à Europa teria sido “para dar rédea solta à sua paixão pela bebida e pelas mulheres.” Em realidade, soube gozar a vida parisiense, mas não se pode negar os efeitos positivos dos relacionamentos político e diplomático realizados. Nem se pode afirmar que seu objetivo principal fosse a vida boêmia. O desempenho em relação ao fortalecimento de suas Forças Armadas e ao recrutamento de técnicos para o país não pode ser menosprezado, pois efetivamente contribuiu para o desenvolvimento do Paraguai e do seu poder militar. Não se pode negar, entretanto, o envolvimento de Solano López com o sexo feminino.

Nos idos de 1859, Solano López enamorou-se de Carmelita R., “a mais bonita de Assunção, a mais entusiasmada nos bailes e a mais alegre na conversação.” Estava ela prestes a casar-se com Dom Carlos Decoud. Solano López assediou-a da maneira “a mais vergonhosa”, sendo rechaçado por Carmelita. Afastou-se, então, jurando vingar-se.

Poucos dias após, Carmelita tomou conhecimento da prisão de seu noivo, junto com o irmão. “Presos e encarcerados; ninguém sabia o motivo.” Haviam sido acusados de conspiração.

Passado algum tempo, veio a notícia de vários fuzilamentos. Dentre as vítimas estavam Dom Carlos Decoud e seu irmão. Seu corpo nu e todo mutilado foi jogado em frente à porta da noiva, Carmelita R. (F. Mastermann). Assim procedia Solano López.

Ainda antes de sua viagem à Europa, em 1850, teve um filho (Emiliano), de seu relacionamento com Juana Paula Pessoa. Esse rapaz residiu nos Estados Unidos e na França, só retornando ao Paraguai após a guerra. Faleceu jovem. Deste mesmo relacionamento nasceram Adelina Constanza (em 1851) e José Felix (em 1861).

Reconhecida publicamente, existia também outra filha: Rosita Carreras.

Em 4 de junho de 1865, pouco antes de partir para a guerra, Solano López reconheceu todos os seus filhos. Só não foram reconhecidos Miguel Marcial e Corina Adelaida, por haverem nascido posteriormente.

Rosita Carreras também não constou da relação dos filhos reconhecidos (R. Rubiani).

Sua intensa vida boêmia em Paris só acalmou após conhecer Elisa Alicia Lynch, a bela irlandesa, esposa de um funcionário francês – para alguns, um médico militar, francês, em serviço na Argélia.

Há divergências quanto à maneira pela qual Solano López conheceu Elisa Lynch. Para uns, fora em uma estação ferroviária. Para outros, ela o teria convidado à sua residência, tendo o Capitão Brizuela servido como intermediário. O certo é que viveram

um idílio, iniciado na França e terminado em Cerro Corá.

O romance em Paris evoluiu muito e Solano López resolveu trazê-la para o Paraguai, contrariando os conselhos de seu irmão Benigno. Daí para a frente nunca mais os dois irmãos voltaram a ter um relacionamento fraterno (Arturo Bray).

Elisa Lynch chegou ao Paraguai grávida de Juan Francisco, morto em Cerro Corá. Além deste, posteriormente nasceram Corina, Adela, Frederico, Enrique e Leopoldo, esse último falecido em alto mar durante viagem para a Europa, após a morte de Solano López.

A sociedade assuncenha não recebeu bem Elisa Lynch, a começar por Carlos Antônio López e pela Igreja. Mas não há dúvidas da grande influência que exerceu sobre Solano López. Há quem diga que ela foi a principal culpada da desgraça de López. Protegeu algumas pessoas, assim como levou muitas outras à desgraça e mesmo à morte.

Elisa Lynch, segundo alguns autores, tinha duas ambições: casar-se com Solano López e fazê-lo “o Napoleão do Novo Mundo”. A primeira já era difícil e não se realizou. A segunda era impossível.

Para alguns estudiosos de História, Solano López alimentava, em seu íntimo, uma ambição. Sonhava vir a “ser coroado imperador e formar um império no Rio da Prata, à imagem do francês”. Daí, segundo esses estudiosos do assunto, a sua dita pretensão de casar-se com D. Isabel, do Brasil, idéia prontamente rechaçada por D. Pedro II (G. Escudero).

A imprensa de Buenos Aires não dava sossego a Solano López, ridicularizando os

seus sonhos de grandeza, e fazendo frequentes referências pouco lisonjeiras a respeito da “vida irregular com Mme. Lynch e seu duvidoso passado”. Estes ataques da imprensa pesaram no comportamento de Solano López em relação ao Governo argentino, no período que antecedeu a guerra (G. Escudero).

Na verdade, talvez ele não tivesse a intenção de provocar um confronto com os países vizinhos. Quem sabe não estaria procurando apenas o reconhecimento dos direitos da nação paraguaia de influir na política platina? Ao perceber que suas aspirações não eram consideradas, ferido em seu orgulho e em sua vaidade, deixou-se levar pela emoção e procurou conquistar seus objetivos pelo poder militar. Conseguir pelas armas o que não lhe fora possível realizar através da diplomacia.

De qualquer forma, o período passado na Europa trouxera para Solano López resultados positivos.

Em 11 de novembro de 1854, partiu de Bordéus a bordo do *Taquary*, vaso de guerra adquirido na Inglaterra. Chegou em Assunção no dia 21 de janeiro do ano seguinte, defrontando-se com uma situação política tensa no Prata.

Carlos Antônio López, Bartolomeu Mitre e Justo José Urquiza discutiam questões de comércio, navegação e fronteiras. O Governo brasileiro enviou José Pereira Leal, que já havia sido expulso do Paraguai uma vez, para discutir os mesmos temas com Carlos Antônio López.

Solano López via confirmada sua visão política da região, razão pela qual vinha organizando suas forças militares,

adquirindo navios e material bélico no exterior.

Para Frederic Mastermann, foi nesse momento que Solano López começou a arquitetar a guerra. Raciocinara que teria saído “de uma república semibárbara, remota e desconhecida, e as pompas, a falsa glória e as esplêndidas recordações de guerras e guerreiros de que se viu rodeado o teriam ofuscado”.

Solano López tinha consciência de que governava um povo valente e “não imaginava encontrar obstáculos para levantar seu prestígio no seio das nações sul-americanas”. Acreditava poder transplantar para o Paraguai as experiências obtidas na Europa.

Carlos Antônio López temia a influência européia, que por certo iria trazer mudanças de costumes. Por isso, mandou confinar em Nova Bornéos (Chaco), os quatrocentos imigrantes franceses chegados ao Paraguai, sem permissão para sair da área.

O descontentamento dos colonos franceses levou o governo de Paris a pressionar o Paraguai, abrindo uma crise diplomática que só terminou em 1856, com a volta dos colonos à França.

A situação tensa no Prata foi fazendo com que, cada vez mais, Solano López assumisse responsabilidades políticas e diplomáticas no Governo paraguaio.

Ao retornar da Europa, passando pelo Rio de Janeiro, foi recebido em audiência pelo Imperador D. Pedro II. Por ele tomou conhecimento da grave crise que se vislumbra-va. Carlos Antônio López expulsara o encarregado de negócios do Brasil, José Pereira Leal, por “dedicar-se a intrigas e a impostura do ódio ao Supremo Governo do Estado, e

de levantar atrozes calúnias.” D. Pedro II ameaçava a nação paraguaia com uma força naval para reparar a grave afronta.

Durante a audiência, Solano López não conseguiu nenhum acordo, mas evitou a expedição naval retaliadora, de momento.

Chegado a Assunção, recebeu todos os poderes militares e diplomáticos para resolver a crise com o Império. A situação não era fácil, pois Buenos Aires permitira a navegação dos navios brasileiros pelo Rio da Prata e Urquiza mostrara-se omissa.

As tropas paraguaias foram, imediatamente, mandadas para Passo da Pátria e Humaitá, independentemente de qualquer conversação com o Almirante Pedro Ferreira de Oliveira, comandante da frota imperial. Segundo o Governo imperial, essa frota tinha apenas a missão de intimidação, mas em realidade eram vinte embarcações de guerra, com 130 canhões e 3 mil homens de desembarque. Isso levou o Paraguai a entrar em estado de sítio.

Esse acontecimento foi que levou Solano López a construir a fortaleza de Humaitá, com orientação do Coronel Wisner von Morgentern.

A frota brasileira, em realidade, não entrou em águas paraguaias. A situação pedia cautela. O comandante brasileiro seguiu apenas para Assunção, onde exigiu reparação à ofensa, prontamente concedida. Aproveitou, então, para discutir um tratado de limites, comércio e navegação. Solano López foi o seu interlocutor.

Discutidos os assuntos e separados os tópicos, Solano López conseguiu protelar as discussões para daí a dois anos. As posições eram irredutíveis. O Paraguai con-

seguiu, assim, uma vitória diplomática, fazendo com que a frota presente no Rio Paraná perdesse sua importância. Este resultado causou impacto na Corte brasileira. O Imperador não homologou o que fora acordado entre o Almirante Ferreira de Oliveira e Solano López. Exigiu a reabertura das negociações no Rio de Janeiro.

Solano López, cioso de sua autoridade, da soberania paraguaia e de seus direitos presumidos, determinou que os navios brasileiros fossem fiscalizados nas Três Bocas – Humaitá, Assunção e Olimpo.

A Chancelaria brasileira protestou e mandou José Maria do Amaral para Assunção, no início de 1857. Acirradas discussões com Carlos Antônio López aconteceram, levando o Chanceler brasileiro a retirar-se, após notas de protesto.

Tropas brasileiras seguiram para a linha de fronteira, em Mato Grosso, e a imprensa brasileira pedia a guerra.

Diante da grave situação, foi enviado para Assunção o Ministro do Exterior do Brasil, José Maria da Silva Paranhos, Visconde do Rio Branco. Em sua viagem, Rio Branco aproveitou para fazer contatos com o governo de Buenos Aires, com vistas a uma possível aliança, e assinou uma convenção regulando a navegação na Bacia do Prata, esperando uma possível adesão do Paraguai. Essa convenção foi motivo de protestos não só em Assunção, mas também da oposição política em Buenos Aires.

O próprio Mitre disse “não ser de interesse das repúblicas do Prata auxiliar o Brasil em sua política invasora do território alheio”.

As manifestações de exilados paraguaios e políticos ligados a Urquiza levaram Mitre

a declarar “que não está a República Argentina em estado de empreender cruzadas libertadoras”.

Paranhos chegou a Assunção em 7 de janeiro de 1858 e convidou Carlos Antônio López a aderir à Convenção do Paraná. Foi prontamente rechaçado. Com receio de agravar a situação, Carlos Antônio López designou Solano López para dialogar com Rio Branco.

Depois de acirrada discussão, o Paraguai, através de Solano López, assinou uma convenção semelhante à do Paraná, mas com o Brasil reconhecendo a Baía Negra como fronteira entre os dois países, no Chaco. Mais uma vez Solano López se distinguia nas lides diplomáticas.

Sua atuação repetir-se-ia na controversa colonização de Nova Bornéus, quando a canhoneira francesa *Bisson* chegou até Assunção para pressionar o Governo paraguaio, em fevereiro de 1858. Com sua atuação cautelosa, acabou levando a bom termo as divergências com os franceses.

Nesse mesmo ano de 1858, a título de cobrar indenizações, o Governo norte-americano enviou ao Paraguai uma frota de 19 navios (com duzentos canhões), sob o comando do Comodoro William B. Schurbrick, trazendo o Juiz James J. Browlin como representante do Presidente Buchanan. Em dezembro de 1858, a esquadra norte-americana surgiu nas águas do Rio da Prata. Essa presença fez o Brasil deslocar o navio *Araguay* com destino a Assunção, assim como o Ministro francês Lefebvre Bicourt, que seguiu a bordo do *Bisson*.

O encontro da representação norte-americana com Solano López deveria ser reali-

zado em Corrientes, mas este, precavendo-se de uma possível invasão, retirou-se para Humaitá e depois para Assunção, quando soube que a frota navegava no Rio Paraná.

Em 16 de janeiro de 1859, chegou em Assunção o General Urquiza, para conciliar o conflito. Ao recebê-lo, Antônio López recusou-se a ouvi-lo, pois “não ficava a salvo a honra da República.” A frota norteamericana, entretanto, não chegou a entrar em águas paraguaias. As conversações mediadas por Urquiza foram levadas a bom termo. Os problemas com a *US and Paraguay Navigation Co.* seriam levados à arbitragem e algumas concessões.

No ano seguinte, em julho de 1859, Solano López foi levado a enfrentar a arrogante presença britânica através de seu Ministro Dowgall Christie, que foi até Assunção propor a prorrogação do Tratado de Comércio de 1853. Diante da discordância paraguaia, Christie retirou-se fazendo ameaças de retaliação ao Paraguai.

As qualidades diplomáticas de Solano López voltaram a ser colocadas a prova quando solicitado a arbitrar as diferenças entre a Confederação Argentina e o governo de Buenos Aires.

No final de 1859, diante da situação no Prata, Solano López seguiu para Buenos Aires representando seu pai, como mediador, na disputa com a Confederação Argentina.

Solano López deixou Assunção a bordo do *Taquary*, como “enviado extraordinário e ministro plenipotenciário”, acompanhado de numerosa delegação. Seguiram com ele os coronéis Isidoro Resquin, Antônio Estigarríbia e José Diaz.

Ao passar por Rosário de Santa Fé, entrevistou-se com Juan Manoel Urquiza, seguindo para Buenos Aires.

Após várias reuniões, as dificuldades foram contornadas com a assinatura do Convênio de União, em Alsina. Buenos Aires concordava em integrar a Confederação Argentina e prometia aceitar a Constituição já em vigor. Francisco Solano López facilitou o entendimento entre as partes. Por tal fato mereceu citação onde foi dado “um voto de agradecimento ao Supremo Governo da República do Paraguai e o Exmo. Sr. Brigadeiro General Ministro Mediador, Don Francisco Solano López que empregou com nobre e generoso empenho em seus bons e paternais ofícios para aproximar a união das partes dissidentes da República Argentina” (G. Escudero).

Ao retornar, em 29 de novembro, a bordo do *Taquary*, logo após a partida, Solano López se viu frente às canhoneiras britânicas *Bussard* e *Grappler*. Os barcos britânicos procuraram demonstrar hostilidade ao *Taquary*. Solano López ordenou reação a qualquer ataque.

Aconselhado pelo comandante do *Taquary*, um inglês, assim como de seus marinheiros que também o eram, Solano López afastou-se do local, seguindo por terra até o Paraná, onde embarcou no *Igurey*, com destino a Assunção.

Esta atitude inamistosa dos britânicos deveu-se às tensas relações entre os dois países, tendo em vista a prisão de um súdito da Coroa, por conspiração. Essas relações só vieram a se normalizar depois de firmada uma convenção, em 1862.

Os sucessos de Solano López em suas atuações diplomáticas mostram uma realidade: um homem hábil e inteligente. Esses sucessos, por certo, fizeram crescer seu ego, que, alimentado pela vaidade e pela ânsia de poder, levaram-no a superestimar sua importância.

Parece haver um certo exagero quando alguns autores enaltecem e valorizam a sua atuação e o seu prestígio na Bacia do Prata, embora não se deva menosprezar totalmente a sua conduta não só como árbitro, mas também como advogado das pretensões geopolíticas paraguaias no Prata, na procura de um lugar ao sol.

O PRESIDENTE

Em 10 de setembro de 1862, morreu Carlos Antônio López, governante autoritário, patriarcal, defensor de soluções negociadas na área internacional, um progressista a seu modo. Por sua vez, o país nada mais era do que uma possessão dos López (Bray).

Em documento secreto, Antônio López teria designado o seu primogênito, Francisco Solano, como Vice-Presidente provisório, até que o Congresso tomasse a decisão relativa à sucessão presidencial. Há quem diga que teria sido pressionado pelo próprio Solano López, enquanto para outros, Solano López teria adulterado o documento em seu proveito (Bray). Benigno López teria sido o nome preferido, não só por Antônio López, mas também pela elite paraguaia. A realidade histórica não confirma essas suspeitas. Solano López sempre teve participação ativa nos negócios do

Estado e sempre esteve prestigiado ao lado de seu pai, ao contrário de Benigno, pessoa de mais fácil trato, porém sem nenhuma participação ativa no Governo.

Solano López conhecia os meandros do poder, conhecia a administração pública, era chefe do Exército desde 1845 e estava inteirado da diplomacia platina. Por suas atuações em 1845 e 1849, na Argentina, ficou conhecido e projetou-se no exterior. Era um homem com vivência internacional.

Além disso, era pessoa de mais cultura intelectual do que seu irmão. Era, pois, sem sombra de dúvida, naquele momento, o homem mais qualificado para assumir os destinos da nação paraguaia.

“Temperamento forte e grande orgulho pessoal, de vontade indomável e exagerado amor próprio, melhor dotado do que seu pai para as tarefas de governo; prudência e serenidade não lhe faltavam; não era impulsivo e alocado em suas decisões, como se tem dado a dizer” (Bray). Mudaria muito, em seu comportamento e maneira de ser, no decorrer da grande tragédia sul-americana.

Solano López estava com 36 anos, era atarracado e forte, um pouco obeso, porém. Assim mesmo possuía uma boa imagem, exceto quando sorria, pela sua má dentadura (Bray). Nada havia para que não pudesse pretender a Presidência da República. Era o homem mais indicado, naquele momento histórico.

No dia 16, finalmente, o Congresso reunido escolheu Solano López como sucessor de seu pai, por unanimidade. Durante os debates, apenas uma voz se fez ouvir para apresentar algumas ponderações. Foi a voz de

José Maria Varela. Disse que “o país não seria nunca um patrimônio de uma só pessoa ou de uma só família” (G. Escudero). Solano López foi eleito por um período de dez anos.

As primeiras medidas do novo presidente eleito foram mandar prender José Maria Varela, que viria a falecer na prisão, encarcerar por cinco anos Pedro Lescano, presidente da Suprema Corte, e Fidel Maiz, presbítero de grande saber, que se tornaria, no futuro, seu íntimo colaborador. De inimigo, passaria a ser conselheiro e amigo favorito. Maiz se manifestara contrário à eleição de Solano López e fora denunciado pelo bispo Palácios. Benigno López foi confinado no interior do país.

Em comemoração à eleição, foi realizado um magnífico banquete para trezentas pessoas, no Club Nacional de Assunción, na esquina das ruas Palma e Chile, onde hoje funciona o Banco de La Nación Argentina.

No imenso salão foi colocado um trono com seu correspondente dossel e degraus. O móvel trazia, em seu encosto, as armas da República.

Todas as altas autoridades civis e militares estiveram presentes, assim como as representações diplomáticas dos Estados Unidos (Charles Ames Washburn) e da França (Laurent Cochelet), e representações consulares.

Às 22h chegou ao local o novo Presidente, General Francisco Solano López, acompanhado de seu irmão, o Coronel Venâncio López, recém-nomeado Ministro da Guerra, acompanhados de seus ajudantes. A caleça que o levou foi escoltada por um esquadrão do Regimento Aça-caraya, em seu uniforme de gala, tradicional.

Solano López chegou envergando seu uniforme de gala, estilo francês, ostentando a faixa da Ordem Nacional do Mérito e um rico espadim com empunhadura de ouro.

Os convidados, os criados de libré e o cardápio compunham o refinado e alegre ambiente. A carta de vinhos, em tudo, procurava imitar a Corte francesa (Bray).

Ao término da sobremesa, o Ministro Charles Ames Washburn ergueu um brinde: “Eu brindo pela saúde do ilustre presidente do Paraguai; para que sua marcha seja tão honrosa para si mesmo e tão vantajosa para a sua pátria como o foi a de seu distinguido predecessor e pai” (Bray).

No mesmo instante em que a elite paraguaia e o corpo diplomático comemoravam a assunção de Solano López no refinado clube, o povo assuncenho festejava o regozijo nacional nos bailes populares, enfeitados pelos fogos de artifícios, danças folclóricas e folguedos típicos. Tudo acompanhado de libações alcoólicas e uma ceia.

Assumida a Presidência, Solano López nomeou seu Gabinete: Domingos Francisco Sanchez (Secretário de Governo e Vice-Presidente); José Berges (Relações Exteriores); Mariano González (Fazenda); e Coronel Venâncio López (Guerra e Marinha).

Cumprindo a etiqueta do momento, inúmeras cartas foram dirigidas aos chefes de Estado dos vários países com os quais o Paraguai mantinha relacionamento. Dentre estes, a França de Napoleão III, que prontamente contestou a correspondência com “efusivos votos de êxito ao bom amigo”.

O início do governo de Solano López foi de paz e prosperidade. Mas sempre com sua preocupação pela defesa nacional. A

tranquilidade reinante destoava do ambiente inquieto de seus vizinhos.

Considerando a preocupação quase obsessiva com a defesa nacional, Arturo Bray interroga: “O Paraguai se arma com um exército de cidadãos, mas contra quem? Acaso contra a Argentina? (...) Contra o Brasil, tão pouco...” Mas o que realmente parecia era que essa mobilização dirigia-se contra o Império brasileiro.

Solano López sentia-se estimulado a realizar uma ação contra o Brasil, inclusive por oferecimento de apoio norte-americano, conforme confirma correspondência de 2 de novembro de 1862, do Ministro Washburn ao Secretário de Estado de seu país. (Bray)

Embora os problemas lindeiros entre o Brasil e o Paraguai viessem tendo as soluções adiadas, a data limite acordada estava ainda por expirar (Protocolo de 7 de abril de 1856). Mas o estopim para a deflagração do conflito estava no Uruguai. Venâncio Flores, com beneplácito portenho e apoio brasileiro, pegou em armas contra o Presidente Berro, invadindo o Uruguai em 10 de abril de 1863.

Solano López, apesar de ter composto seu ministério com pessoas de sua confiança, governava de maneira autocrática, supercentralizada. Personalidade marcante, impunha a sua vontade, não admitindo divergências ou ponderações de qualquer tipo. Seus ministros eram apenas figurantes. O início do governo foi caracterizado pela captação da simpatia do povo paraguaio. Estimulou os agricultores e enviou estudantes para a Europa. Concedeu empréstimos e promoveu festas populares, nunca esquecendo, porém, o seu Exército.

Criou a fábrica de pólvora, os arsenais e os depósitos de suprimentos. Aumentou a produção de equipamento militar, concluiu a ligação ferroviária de Assunção a Paraguari e a linha telegráfica até Passo da Pátria.

Apesar de o Paraguai, após a morte de Gaspar de Francia, passar a ter um relacionamento maior com seus vizinhos e mesmo com alguns países europeus, pouco era sabido sobre o seu poder militar. Nunca fora colocado à prova. Mas temia-se que, aliado a um de seus vizinhos, viesse a desestabilizar o equilíbrio de poder no Prata. Seu desenvolvimento industrial também era uma incógnita.

Diante dos acontecimentos políticos no Prata, onde a instabilidade era freqüente, Solano López, em função da sua participação no campo diplomático, parece ter confundido o respeito de seus vizinhos com temor. A cordialidade de Bartolomeu Mitre, procurando aproximar-se do Paraguai, as constantes solicitações de apoio por parte do Uruguai e a moderação da diplomacia brasileira foram vistas por Solano López como medo. Superestimava o poder político e militar do seu país. Sendo assim, rompeu com o isolacionismo tradicional e passou a forçar uma posição de destaque na política do Prata.

A busca do reconhecimento da sua posição de destaque e do seu poder político passou a ser uma obsessão para Solano López. Não via o momento para demonstrar seu poder militar, que julgava ter o melhor aprestamento dentre os países platinos. Essa visão levou-o a sair de uma estratégia puramente defensiva para uma possível política militar ofensiva.

A crise uruguaia, o posicionamento argentino e brasileiro e a sua obsessão em demonstrar o seu poder militar levaram-no à precipitação de envolver-se em uma guerra onde, por certo, não possuía qualquer possibilidade de êxito. Somente Solano López não enxergava a realidade dos fatos. Não soube fazer a avaliação da capacidade de mobilização do Império.

O MILITAR

Solano López não teve nenhuma formação militar. Não frequentou curso de formação ou academia militar. Carlos Antônio López nomeou-o coronel do Exército quando assumiu a Presidência da República. Logo em seguida, foi promovido a brigadeiro (com 19 anos) e nomeado Chefe do Exército e Ministro da Guerra. Não possuía experiência de combate nem vivência castrense. Não tinha vivência do campo de batalha, como era comum nos exércitos sul-americanos da época, onde os generais, em sua maioria, não frequentavam academia militar, mas formavam-se em combate.

Nas duas oportunidades em que levou as suas tropas para além da fronteira (1846 e 1849), pouca ou nenhuma oportunidade teve de conhecer o campo de batalha.

Em 1846, valeu-lhe a alcunha de “el generalito” e palavras pouco elogiosas por parte do General José Maria Paz, comandante correntino, que declarou não ter Solano López “nenhum conhecimento militar e, o que é mais, nenhuma idéia de guerra e o modo de fazê-la”.

Na invasão de Corrientes, em 1849, não soube defender-se do ataque correntino,

tendo que suportar a debandada vergonhosa de seus comandados diante do inimigo. Foi quando aderiu ao método de liderança pelo terror. Mandou fuzilar seus oficiais.

As desconfianças entre os governos de todo o Prata foram se agravando. As suspeitas de um pacto entre o Uruguai e o Paraguai irritavam Buenos Aires. O fantasma do Vice-Reinado do Prata preocupava Solano López. O Império desentendia-se com Montevideu, tudo caminhando para um conflito.

Dentro da sua idéia de que um confronto com o Império seria inevitável mais dias menos dias, Solano López por certo possuía um plano de operações. Já vinha fazendo seu estudo de situação e estruturando suas tropas, preparando-se para a provável guerra futura.

Não se conhece a existência desse plano de operações elaborado por Solano López. Se o fez por escrito, foi extraviado.

Analisar Solano López como militar e estrategista só foi possível através do estudo das suas manobras operacionais, à luz do desenvolvimento da guerra, estudando os movimentos do seu exército ou através dos poucos documentos ou depoimentos que a História oferece.

O primeiro questionamento é ter Solano López partido para o conflito armado subestimando o inimigo e superestimando seu poder militar. Além de tudo “pode-se dizer que, antes do conflito, os paraguaios ignoravam completamente a ciência da guerra”. Também não soube avaliar seus possíveis aliados (G. Thompson).

Os estudiosos procuram justificar a invasão de Mato Grosso como uma opera-

ção com o objetivo de conquistar territórios julgados, por Solano López, como paraguaios, apreender material bélico e estimular as tropas com um golpe no poder militar brasileiro. Na realidade, parece ter apenas procurado apreender material bélico e proteger sua retaguarda de um possível ataque das tropas imperiais. Foi uma operação de pouca importância militar.

O poder militar do Império na região era insignificante; suas fortalezas, arcaicas e mal-armadas. Os efetivos eram reduzidos, assim como o armamento disponível. A hipótese de uma ação militar brasileira partindo de Mato Grosso em direção ao sul era remota. A única justificativa para essa ofensiva paraguaia foi a de dominar a navegação no Rio Paraguai. No mais, perderam um tempo precioso para desencadear a sua ofensiva no Sul, onde estava o grosso das forças inimigas e o seu objetivo principal, Montevideu, que ainda se achava sob o assédio das tropas brasileiras e urgia marchar em seu socorro.

O plano de operações para a realização da ofensiva no teatro de operações sul previa a invasão de Corrientes por uma força militar de 25 mil homens, sob o comando do General Wenceslau Robles. Este seguiria com uma coluna margeando o Paraná, em direção a Buenos Aires. Outra coluna, sob o comando do Tenente-Coronel Antônio de la Cruz Estigarribia, com 15 mil homens, cruzaria o Rio Paraná por Encarnación, invadindo a província de Misiones, até chegar ao Rio Uruguai. Daí seguiria acompanhando o rio até São Tomé, onde atravessaria o curso d'água, seguindo para o sul em direção a Uruguiana, pela mar-

gem esquerda do Uruguai. Uma pequena coluna, sob o comando do Major Duarte, seguiria pela margem direita.

A tropa marcharia com a possível rapidez, com as colunas distantes entre si 250km, sem objetivos intermediários e sem preocupação com os flancos.

Estima-se que deveria ter havido uma junção dessas colunas, possivelmente na foz do Rio Uruguai, de onde deveriam seguir para Montevideu ou Buenos Aires.

Ao ser desencadeada a ofensiva, Solano López não seguiu, com suas tropas, permanecendo em Assunção (500km ao norte). As colunas, tão distantes umas das outras, não tiveram unidade de comando, ligação nem coordenação e o Comando Supremo permaneceu em território nacional. O General Robles invadiu Corrientes em 14 de abril de 1865.

Von Versen criticou López por haver perdido preciosa oportunidade na invasão de Mato Grosso (3 meses), “sem verdadeiro objetivo militar de importância”.

“(…) Os desacertos foram tanto de López como de seus subordinados, incapazes uns, desobedientes outros, ineptos todos” (A.Gray).

Estigarribia desobedeceu ordens, pois não conservou seus objetivos combatendo pela ocupação de Uruguiana, e deixou de socorrer o Major Duarte. Pelo que se deduz, foi mais incompetência do que desobediência.

Robles, um ambicioso, deteve suas tropas em Goya e entrou em conluio com o Coronel Fernando Iturburn, Chefe da Legião Paraguaia. Pagou com a vida pela traição. O General Resquin, em depoimento posterior à guerra, afirmou não acreditar nessa traição.

Solano López pecou na elaboração da operação, não soube escolher seus comandantes, não demonstrou ação de comando e nem poderia tê-la. Sua permanência em Assunção foi injustificável. Perdeu o contato com suas forças combatentes. Não se fez presente no campo de batalha. Essa ausência, essa omissão repetir-se-ia outras vezes no decorrer da guerra. Repetiu-se em Tuiuti, repetiu-se em Curupaiti e Humaitá. Solano López só deixou Assunção em 8 de junho de 1865, quando seguiu para o seu quartel-general em Passo da Pátria, transferindo-se para Humaitá e depois para Paso Pucú.

Após retrair para o território, as tropas foram sendo posicionadas por Solano López em Passo da Pátria e Itapiru, preparando-se para defender o corte do Rio Paraná.

Na manhã de 17 de abril de 1866, as tropas aliadas transpuseram o Paraná com 9.500 homens, sob o comando do General Manoel Luiz Osório.

Solano López sonhava com um plano defensivo, baseado não só nas fortificações de Curuzu, Curupaiti e Humaitá, mas também nas características do terreno. Com a defesa escalonada poderia lograr vitórias, deter o inimigo e desgastá-lo durante um longo período, para chegar a uma paz negociada com sucesso e com pouco sangue. Não imaginava que os aliados, em particular o Brasil, estavam decididos a levar a guerra até “a sua liquidação integral e implacável”, de conformidade com o Tratado da Tríplice Aliança. Segundo Arturo Bray, tinham como “real objetivo (...) reduzir o Paraguai a uma potência de terceira ordem.”

Solano López contava com cerca de quarenta mil homens para colocar em exe-

cução seu plano defensivo, cujo núcleo principal estava baseado nas fortalezas de Curuzu, Curupaiti e Humaitá, a Sebastopol sul-americana.

Analisando as operações de reconhecimento realizadas pela esquadra brasileira, Solano López era de opinião que o desembarque aliado seria realizado na região de Itati. Por isso, instalou o seu posto de comando em Passo da Pátria. Com o desembarque aliado, após os primeiros combates em Itapiru, as tropas paraguaias retraíram para Passo da Pátria e Solano López levou o seu posto de comando para Paso Roja, um pouco ao norte de Estero Bellaco.

Em 24 de abril, Passo da Pátria foi conquistado pelas forças aliadas. Os combates continuaram até que o Coronel Diaz fosse derrotado em Estero Bellaco, forçando López a retrair para Paso Pucú, ao norte de Tuiuti, próximo de Humaitá. Os aliados avançaram para o norte de Passo da Pátria procurando um espaço mais amplo: Tuiuti. Procuraram, assim, estabelecer uma cabeça de ponte que permitisse instalar uma ampla base de apoio ao combate, visando a Humaitá. Era 21 de maio e, pela primeira vez, os dois exércitos estavam realmente frente a frente.

Em Paso Pucú, López aguardou o ataque aliado, sem perceber que a iniciativa deveria ser sua. A lentidão das tropas aliadas e a inatividade da esquadra brasileira levaram-no a decidir por um ataque à posição inimiga, desdobrada em Tuiuti. Ali estavam 39 mil soldados aliados. López contava com apenas 25 mil homens. Iria passar da defensiva estratégica para a tática ofensiva. Não levou em conta a sua inferioridade em efetivos.

Ao atacar Tuiuti, Solano López procurou a batalha decisiva para destruir as forças aliadas. Seus quatro ataques simultâneos, ao centro e nos flancos, fracassaram. “(...) se aferrou Barrios ao cumprimento, letra por letra, da ordem recebida e, ao fazê-lo, ocasionou o fracasso” (Bray).

A concepção da manobra previa um ataque organizado em quatro colunas. O General Barrios atacaria, com 9 mil homens, o flanco esquerdo aliado, guarnecido por brasileiros sob o comando de Sampaio. Ao mesmo tempo, o Coronel Diaz, com 5 mil soldados, investiria entre o flanco esquerdo e o centro, também guarnecido por Sampaio. Enquanto isso, o Major Marcó deveria atacar o centro da posição aliada com os seus 4.500 infantes e cavalarianos, onde se encontravam Venâncio Flores e os artilheiros de Mallet. Por fim, o General Resquin atacaria, com os seus 6 mil homens, o flanco direito, onde estavam as tropas argentinas de Cáceres e Hornos. O ataque estava previsto para o alvorecer do dia 24 de maio, procurando antecipar-se à iniciativa aliada. Mas isso só foi acontecer por volta das 11h.

Além de Solano López não ter avaliado a sua inferioridade em efetivos, o reconhecimento feito pelos paraguaios foi precário, não detectando a organização do terreno na posição defensiva, particularmente a realizada pelos artilheiros de Mallet. Mais uma vez fez-se sentir a ausência do comandante-em-chefe na linha de frente. Solano López não arredara o pé de Paso Pucú.

A surpresa da operação foi prejudicada pelo atraso do General Bugres em disparar o foguete que assinalaria o desembocar do ataque. Justificou o atraso pela dificuldade

que tivera em se deslocar num terreno de vegetação densa e nas áreas alagadas que fora obrigado a vencer. O deslocamento mais difícil foi o das tropas do General Barrios.

As atuações de Sampaio, Mallet, Paunero e Flores e os contra-ataques dos generais Vitorino e Osório levaram as tropas aliadas à vitória.

O ataque paraguaio a Tuiuti descambou em combates isolados, sem coordenação, sem unidade de comando, apesar do valor de alguns comandantes de tropa.

Segundo a avaliação de Arturo Bray, o General Resquin não era mais do que um “mediocre comandante de tropa”. Para Garmendia, “Resquin sacrificou uma enorme massa de excelente cavalaria, sem tentar sequer a operação acertada. A formosa falange paraguaia foi batida em detalhe e feita em pedaços antes do tempo; sucumbiu bravamente, mas não com perícia”. As falhas no estudo de situação; a falta de coordenação e de unidade de comando; a ausência do comandante-em-chefe na linha de frente; a manobra defensiva em profundidade realizada por Osório e seu oportuno e decisivo contra-ataque levaram à vitória as forças aliadas, no maior conflito latino-americano.

“Solano López é o único que deve carregar a responsabilidade do descalabro de Tuiuti. Não foi de Barrios a culpa de haver omitido o reconhecimento prévio” (Bray).

Falhou o Napoleão do Prata. Falhou, talvez, por julgar-se um gênio militar, não ouvindo a opinião de ninguém e depreciando o valor dos soldados inimigos. Um sério erro de avaliação.

Seguiram-se os combates pela conquista do objetivo principal – Humaitá – que

abriria o caminho para Assunção. Em 3 de setembro de 1866, 3.391 homens, sob o comando do Barão de Porto Alegre, desembarcam em frente a Curuzu, defendida pelo Coronel Gimenez que, não tendo como se manter na posição diante do ataque aliado, ordenou a retirada, abandonando os seus canhões e as suas bandeiras.

Em 11 de setembro, no início da manhã, o Capitão Francisco Martinez apresentou-se sob bandeira branca, frente às linhas avançadas aliadas. Era portador de uma carta de Solano López propondo “uma entrevista pessoal” a ser realizada em Itaiti-Corá, no dia seguinte. A reunião aconteceu sem a presença brasileira, pois o General Polydoro da Fonseca Quintanilha Jordão recusou-se a comparecer. Venâncio Flores compareceu, mas não participou da entrevista, pois se retirou logo no início do encontro, após discutir com Solano López, que o acusou de ser o culpado pelos acontecimentos.

Solano López propôs a Bartolomeu Mitre um tratado de paz, com ele saindo do território paraguaio por dois anos (Bray). Para os aliados só havia uma exigência: a rendição incondicional. Nada de concreto ficou resolvido na entrevista. “Solano López segue sendo, em Itaiti-Corá, o político ingênuo de São José das Flores.” Não conseguiu perceber que Mitre estava preso ao Tratado da Tríplice Aliança. Mas, em realidade, quem no lugar de Solano López, naquele momento, aceitaria as exigências aliadas? (Bray).

Solano López era orgulhoso, ingênuo politicamente, falava com arrogância e veemência, mas tinha um comportamento cas-

trense, procurando resolver os problemas de forma direta e franca, muitas vezes extrapolando com certa violência. No fundo um sonhador, patriota a seu modo, mas sem limites no tratar com supostas (ou não) conspirações. Não tinha condições, pelo seu temperamento, de deixar o poder e o país em condições desonrosas. Jamais aceitaria ser apeado do poder. No que não deixou de estar certo.

Em prosseguimento à batalha pela conquista de Humaitá, os aliados partiram para a conquista de Curupaiti, posição fortemente organizada pelo General José Diaz, com assessoria do Coronel Wisner de Morgerston, engenheiro austríaco.

Na manhã de 22 de setembro, desembocou o ataque aliado, com 9 mil brasileiros do Barão de Porto Alegre. Foi desencadeado um ataque frontal à fortificação, sem prévio reconhecimento. Pagou-se caro por essa imprudência, negligência e omissão. José Diaz foi o grande herói paraguaio em Curupaiti. Onde estava o Napoleão do Prata? Em Paso Pucú. Mais uma vez ausente, o que não era normal em Bonaparte.

A luta por Curupaiti continuou através de constantes bombardeios executados, principalmente, pela esquadra brasileira.

Após dez meses do desastre de Curupaiti, os aliados iniciaram, em 22 de julho de 1867, uma já esperada marcha pelo flanco direito, sob o comando do General João Luiz Mena Barreto. Por ordem de Bartolomeu Mitre, em 15 de agosto, a esquadra brasileira, sob o comando de Inhaúma, forçou a passagem de Curupaiti. Após ultrapassar a fortaleza e fundear ao sul de Humaitá, retornou para Curuzu. Nova ordem

fez a esquadra passar Curupaiti e, em 16 de agosto, estacionar em Arroio Oro, próximo de Humaitá. Somente em 19 de fevereiro de 1868 é que a esquadra, finalmente, ultrapassou Humaitá, deixando-a bloqueada. Mesmo assim, silenciosamente, as tropas paraguaias retraíram de Curupaiti para Humaitá, onde Solano López chegou em 2 de março.

Sentindo-se ameaçado, sem a mínima consideração com os seus subordinados, Solano López abandonou Humaitá, com o grosso de suas tropas, em 21 de março. Nem ao menos esperou pela senhora Lynch e seu filho. Atravessou o rio em direção ao Timbó e, depois de nova travessia, seguiu para San Fernando, mais ao norte. Antes de sair de Humaitá, mandou que fossem mortos dois mil prisioneiros. “Ordenou que fossem todos esfaqueados...” (F. Masterman) Mais uma vez, o comandante-em-chefe abandonava a linha de frente ao se ver ameaçado, diante do iminente assalto inimigo. Deixou com o Coronel Alem e com o Tenente-Coronel Martinez toda a responsabilidade pela defesa de Humaitá, que mais tarde veio a ser cobrada. Alem, ao chegar em San Fernando ferido, foi tratado como se fora um criminoso, por ter abandonado a fortaleza.

A mãe e a esposa do Tenente-Coronel Martinez foram barbaramente torturadas e fuziladas, por ter aquele oficial se rendido aos aliados. Começava a surgir o Átila?

Ao chegar em San Fernando, em 9 de julho, após ter abandonado Humaitá, Solano López não tinha mais esperanças de vitória. Tinha consciência de que os aliados buscariam o seu aniquilamento. Assim, dispôs-se a resistir e lutar até o fim. Não iria capitular jamais.

Foi nessa fase da chegada em San Fernando que Solano López começou a escrever as mais negras páginas da sua história e o período mais trágico da guerra. Chegaram às suas mãos “papéis procedentes de Assunção, que foram interceptados e estavam destinados ao quartel-general de Caxias, continham dados e planos sobre as posições paraguaias e pareciam haver emanado do próprio irmão Benigno”. Tudo indicava uma grande conspiração, implicando o Ministro Washburn, da legação norte-americana. Dentre os objetivos da conspiração estava o seu assassinato (Efrain Cardoso). Diante dos fatos que indicavam o envolvimento dos seus irmãos Benigno e Venâncio e de suas irmãs Inocência e Rafaela, assim como de auxiliares bem próximos de si, em uma explosão de raiva, fez surgir “os mais baixos instintos e se entregou, desde então, aos maiores excessos” (Efrain Cardoso). Reuniu-se com o General Resquin e o Bispo Palácios procurando uma solução para pôr fim à conspiração. Resquin sugeriu “tratar os traidores contumazes” querendo dizer tortura, enquanto Palácios propôs “passar pelas armas todos os culpados”. López houve por bem seguir as sugestões de Resquin, pois tinha “interesse em também saber o que eles [os traidores] sabiam” (Masterman). San Fernando transformou-se em um grande matadouro, ao estilo da Inquisição. Diante dos tribunais especiais estabelecidos, acusados confessavam os planos da conspiração. As suas “declarações foram arrancadas com procedimentos da mais refinada crueldade” (Masterman).

De 19 de junho até 14 de dezembro de 1868, foram fuziladas 368 pessoas (Efrain

Cardoso), entre elas: Benigno López, Saturnino de Bendoya, José Berges, Manuel Antônio Palácios, Antônio Carreras, Francisco Rodrigues Latena e os generais Vicente Barrios e José Maria Bugres, todos da alta esfera do Governo paraguaio (Efrain Cardoso).

Em relato do General Resquin, prestado em 20 de maio de 1870, no quartel-general em Humaitá, foram acusadas de conspiração e executadas cerca de duas mil pessoas. Afirmou ainda que, a partir desse momento, as execuções não tiveram mais fim.

Frederic Masterman, em seu livro *Siete Años de Aventuras em el Paraguay*, apresenta os *Diários de Resquin (31 de maio de 1868)*, onde estão relacionadas, nominalmente, as vítimas de San Fernando em um período de seis meses: paraguaios e estrangeiros fuzilados sob acusação de espionagem, traição ou deserção. Foram elencadas 605 execuções e registrados 60 mortos durante o traslado de San Fernando para Curubariti. O *Quadro de Registro de Ordens* encontrado no acampamento de Curubariti registra 834 prisioneiros, dos quais 167 faleceram e 432 foram “passados pelas armas”. Dentre os fuzilados estavam 289 paraguaios, 50 brasileiros, 48 argentinos, além de outros de diversas nacionalidades.

Venâncio López e suas irmãs, Inocência e Rafaela, acabaram sendo indultados da pena de fuzilamento. Mas Angel Benigno López não teve a mesma sorte. Após ter sido violentamente castigado pelo açoite, foi levado diante do pelotão de fuzilamento e executado.

Paralelamente a esse massacre, as atrocidades ocorriam rotineiramente nas prisões de Solano López. F. Masterman, durante sua prisão, pode observar de perto, atra-

vés das grades, as atrocidades cometidas pelos carrascos de López. Relatou-as em seu livro, com detalhes.

Esboçava-se o “Áttila do Prata”?

Em 26 de agosto de 1868, López deixou San Fernando e instalou-se em Itá Ivaté.

Após o combate de Piquissiri e a manobra de Caxias através do Chaco, desembarcando em San Antônio com 21.000 homens, deu-se início à Dezembrada (Itororó, Avaí, Lomas Valentinas). Aí López esperou o inimigo com os seus sete mil homens restantes. Desdobrou a sua tropa defensivamente em uma posição pouco organizada. Estava decidido a resistir, apesar de estar mal-armado e sitiado. O combate foi iniciado em 21 de dezembro com as tropas paraguaias sob o comando direto de López que, sentindo-se perdido, fez o seu testamento favorecendo em tudo à Elisa Lynch.

Comandando pessoalmente a defesa de Lomas Valentinas (Itá Ivaté), López levou seus soldados a uma resistência terrível. Não tinha mais esperanças, mas, apesar disso, rechaçou a intimação para que se rendesse (24 de dezembro).

Em 25 de dezembro, a artilharia brasileira bombardeou a posição paraguaia com 46 canhões – um dos maiores bombardeios até então realizados. Seguiu-se o lançamento de inúmeros foguetes. Mesmo assim, os paraguaios frustraram o ataque brasileiro. À noite, a cavalaria brasileira, após duro combate com o regimento de dragões, conseguiu cercar e destroçar essa tropa de elite.

Depois de um duro bombardeio, as tropas aliadas, em 27 de dezembro, marcharam para dentro da posição paraguaia, que foi sendo aniquilada. López partiu às pres-

sas, apenas com dois companheiros, ao ver as tropas inimigas penetrando em suas linhas. Fugiu “deixando entregue à própria sorte Elisa Lynch, que saiu por entre as balas à procura dele”. Toda a sua bagagem, vestimentas e “algumas de suas escravas” (G. Thompson) foram apreendidas.

Até então, Solano López nunca estivera diretamente sob o fogo. Sempre estivera fora do alcance das armas inimigas. “Mas a sua fuga, no entanto, quase sem sentir o cheiro de pólvora, fez com que seus homens, tão acostumados a julgar perfeitamente certo tudo o que ele fazia, se sentissem enojados com ele. Entre os prisioneiros paraguaios, ouvi muitos comentar a covardia de López” (G. Thompson).

Até hoje está mal explicada a fuga de Solano López do sítio de Lomas Valentinas. Os brasileiros deixaram uma brecha na linha de cerco e por aí López fugiu dirigindo-se para Cerro León, onde esperava reorganizar-se. Em Lomas Valentinas, Solano López portara-se como um general, apesar da sua fuga deixando para trás sua tropa à mercê do inimigo. Compreende-se.

Após a fuga de Lomas Valentinas, fez um emocionado apelo à população, procurando mobilizar um novo exército para o prosseguimento das operações. Aos poucos, conseguiu reunir cerca de 12 mil homens em Azurra, seu novo acampamento. Feridos e mutilados de combates anteriores foram chegando. Alguns prisioneiros fugidos das prisões aliadas, alguns vindos até mesmo do Rio de Janeiro e de Buenos Aires iam surgindo aos poucos, estes últimos correndo sério risco de fuzi-

lamento. Mulheres e crianças também chegavam.

Peribeubú passou a ser a nova capital da República, mas foi logo isolada pelas tropas aliadas. López passou a ter o seu quartel-general em Azurra.

A partir de Cerro Leon até Cerro Corá, foram 13 meses e 140 léguas de marcha para uma tropa desgastada procurando livrar-se da ação dos soldados brasileiros, agora sob o comando do Conde D’Eu. Em 12 de agosto de 1869, travou-se o violento combate de Peribeubú, com a vitória brasileira. Após o término do combate, os brasileiros degolaram o Coronel Caballero, comandante da praça, por ordem direta do Conde D’Eu. Logo depois houve o combate de Acostañu, outra vitória brasileira.

Solano López seguia o seu destino. Ao chegar em San Estanislao, descobriu uma nova conspiração, onde estavam envolvidos Venâncio, Inocência e Rafaela López, o Coronel Hilário Marcó e vários outros oficiais, além da sua própria mãe, Juana Carrillo. Marcó foi morto lacerado pelo açoite e devorado pelas moscas. Fidel Maiz, Justo Román, Isidoro Resquin, Manuel Palácios e Silvestre Aveiros foram os escolhidos para julgar os destinos dos acusados (Arturo Bray).

O Coronel Mongelós, comandante da guarda pessoal de Solano López, foi fuzilado por não haver percebido a conspiração. Não houve culpa formada para esse oficial. Com ele foram mortos também o Major Rivero e mais 16 oficiais e 86 soldados.

Em Capivari foi executado o Alferes Aquino e 69 soldados, além de D. Pan-

cha Garmendia, esta lanceada. A partir daí, as execuções passaram a ser feitas pela lança, para economia de munição. Como os soldados responsáveis pelas execuções encontravam-se debilitados, eram obrigados a dar quatro a cinco lanças para conseguir a morte do condenado (Arturo Bray).

Venâncio López foi açoitado diariamente durante toda a marcha. Tinha o corpo todo coberto de feridas infectadas, sendo conduzido amarrado com uma corda que ataram pela cintura e pela qual o arrastavam. Não se justifica tamanha crueldade com um ser humano, mesmo prisioneiro. Teria sido melhor que tivesse sido fuzilado e não indultado, em San Fernando. Por fim, em Chirigüelo, Venâncio expirou implorando um pouco de água, não tendo mais condições de andar.

D. Juana Carrillo foi julgada e condenada, após interrogatório feito pelo padre Fidel Maiz. Segundo Manuel Palácios, esta senhora chegou a “ser castigada com a espada, pelo Coronel Aveiro”. Foi mantida presa em um carro. Uma jaula com rodas.

Resquin, Aveiros, Palácios e Goiburu, sicários de López, ao caírem prisioneiros dos brasileiros não tiveram a honradez e a ombridade de assumir as barbaridades e atrocidades cometidas. Jogaram toda responsabilidade sobre os ombros de Solano López. Aveiros chegou a pedir clemência ao Conde D’Eu.

Não se pode afirmar que Solano López estivesse ignorando tudo o que ocor-

ria. Mas também não se pode afirmar que foi o único culpado. “Por essa época Solano López, um homem cujo espírito entrou em um permanente desequilíbrio, saindo da órbita de toda serenidade”. Esta parece ser a interpretação mais justa (Arturo Bray).

A partir de San Fernando, quando tomou conhecimento da conspiração envolvendo os seus familiares e inúmeros companheiros que privavam do seu relacionamento, foi mudando o seu comportamento. Com amargura pela traição daqueles que lhe eram caros, foi se tornando cada vez mais violento. Já não devia estar em toda a sua razão. Passou a tomar as suas decisões de modo duro e frio.

Na manhã calorosa de 1º de março de 1870, Solano López faleceu após um lanço do Cabo Francisco Lacerda, o Chico Diabo, que lhe atingiu o abdome, enquanto um soldado desferia-lhe um golpe de sabre na frente. Ao tentarem desarmá-lo, ainda tentou reagir, quando um tiro partido não se sabe de onde prostrou-o por terra.

“O Paraguai é por fim livre”, diz Arturo Bray em seu livro.

Após estudar a vida de Solano López, procurando analisar a sua personalidade e as suas qualidades como homem, como militar e como chefe da Nação paraguaia, podemos ter a certeza de que não foi um Napoleão, tampouco um Átila. Foi, em realidade, apenas Francisco Solano López.



BIBLIOGRAFIA

- BRAY, Arturo. *Solano López – soldado de la gloria y del infortunio*. 3. ed. Assunção: Carlos Schanman Ed., 1984.
- BARROSO, G. *História Militar do Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2000.
- CARDOSO, Efraim. *Hacen Cien Anos*. Assunção: Ed. EMASA, 1971.
- . *El Paraguay Independiente*. Assunção: Ed. El Lector, 1996.
- CANARD, Benjamin e col. *Cartas sobre la Guerra del Paraguay*. Buenos Aires: Ed. da Academia Nacional de la Historia, 1999.
- CENTURION, J. C., Tenente-Coronel. *Memórias o Reminiscencias Historicas sobre la Guerra del Paraguay*. Assunção: Ed Guairania, 1948.
- CUARTEROLO, M. A. *Soldados de la Memoria*. 1. ed. Buenos Aires: Ed. Planeta, 2000.
- CUNHA, M. A. *A Chama da Nacionalidade*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2000.
- DORATIOTO, Francisco M. *O Conflito com o Paraguai*. São Paulo: Ática, 1996.
- . *Maldita Guerra*. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.
- ESCUADERO, A. G. *Francisco Solano López - el Napoleón de Paraguay*. Madri: Biblioteca Iberoamericana.
- FIGUEIREDO, L. *Grandes Soldados do Brasil*. 58. ed. São Paulo: Livraria José Olympio Editora, 1950.
- GODOI, J.S. *El Fusilamiento del Obispo Palácios y los Tribunales de Sangre de San Fernando – Documentos Históricos*. Assunção: Ed. El Lector, 1996.
- LORETO, A. *Os Antecedentes da Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1953.
- MAGNATERRA, O. J. *La Guerra de la Triple Alianza*. Buenos Aires: Ed. Dunken, 2002.
- MASTERMAN, J. F. *Siete Anos de Aventuras en el Paraguay*. Buenos Aires: Juan Palumbo Ed., 1911.
- MOURA, A. H. S., Major. *Guerra da Tríplice Aliança e suas contribuições para a Evolução do Exército Brasileiro – Monografia da ECEME*. Rio de Janeiro, 1996.
- MOURA, A. P., General. *Tuiuti – Palestra no IGHMB*, 2002.
- RESQUIN, F. L. *La Guerra del Paraguay contra la Triple Alianza*. Assunção: Ed. El Lector, 1996.
- RUBIANI, J. *La Guerra de la Triple Alianza*. Assunção: ABC Color, 2001.
- SENA MADUREIRA, A. *Guerra do Paraguai*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1982.
- THOMPSON, G. *Guerra del Paraguai*. Rio de Janeiro: Conquista, 1968.
- VON VERSEN, M. *História da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1976.